

WILLIAM Q. JUDGE ‘UM COMENTÁRIO SOBRE O GĀYATRĪ’

[*The Path*, Vol. VII, janeiro de 1893, pp. 301-3].

[Em: *Echoes of the Orient, the Writings of William Quan Judge*, Vol. I, pp. 311-313 (2ª ed. 2009)]

Desvela, ó Tu que dás sustento ao Universo, de quem todos procedem, a quem todos retornam, aquela face do Verdadeiro Sol agora escondida por uma jarra de luz dourada, para que possamos ver a verdade e cumprir todo o nosso dever em nossa jornada para o seu assento sagrado.

— O Gāyatrī *

* [Estes versos sagrados, também chamados Sāvitrī, aparecem no *Rig-veda*, III, 62, 10. Eles estão em sânscrito: Om bhūr bhuvah svah! Tat savitur varenyam bhargo devasya dhīmahi dhiyo yo nah prachodayāt. Uma tradução mais literal, após a invocação aos três mundos da terra (bhūr), do céu (bhuvah) e do céu (svah): "Meditemos sobre esse excelente esplendor do sol divino; que ele ilumine nossas mentes". — Compilador].

Adotei uma tradução como a acima, que é excelente ao dar o significado deste versículo. O que é o Gāyatrī? É o versículo sagrado dos hindus e começa com Om, sua palavra e letra sagradas. Suas primeiras palavras são: *Om, Bhur, Bhuvah* !

A primeira palavra contém nela uma declaração dos três períodos de um Manvantara e os três poderes daquele grande Ser que É o único. De um Manvantara, ele é o começo, o meio e o fim, e os três poderes são Criação (ou Manifestação), Preservação (ou Continuação) e Destruição.

As três primeiras palavras, *Om, bhur, bhuvah*, chamam a atenção para e designam os três mundos. Todo o verso é uma aspiração no sentido mais elevado. Cada Brahman em sua iniciação é ainda instruído neste verso, mas ao apresentá-lo assim estou necessariamente desculpado, pois não posso dá-lo de uma forma diferente da que recebi.

Desvela é o grito do homem que está determinado a conhecer a verdade e que percebe que algo o esconde dela. É escondida por seus próprios efeitos cármicos, que o colocaram agora onde o cérebro e os desejos são demasiado fortes para que o self superior os atravessasse enquanto ele permanece descuidado e ignorante. O grito não é dado para algum deus feito pelo homem, que desempenha um papel, com paixões e atributos, mas para o Self acima que vê em segredo e traz para a luz. É dirigido àquele sobre o qual o Universo é construído e se mantém -- nada mais que o Self que está em cada homem e que se senta como um pássaro em uma árvore, observando enquanto outro come a fruta.

A partir disto, o Universo inteiro se manifesta. Os antigos sustentavam que todas as coisas existiam de fato apenas na ideia, e portanto o praticante de Yoga foi ensinado – e logo descobriu – que o sol, a lua e as estrelas estavam em si mesmo, e até que soube disso, não pôde prosseguir. Esta doutrina é muito antiga, mas hoje em dia é adotada por muitos pensadores modernos. Pois percebem pelo reflexo que nenhum objeto entra no olho, e que o que quer que percebamos através da visão ou sentimento ou qualquer outro sentido que seja, todos os objetos existem apenas em ideia. Antigamente, isto era demonstrado de duas maneiras. Primeiro, mostrando ao discípulo a interpenetração real de um mundo por outro. Como vivemos aqui entre as coisas chamadas objetivas por nós, outros seres foram também vivendo dentro de nós e entre nós e nossos objetos, e

aí realizando de fato seus passatempos, percebendo os objetos em seu plano como objetivos e totalmente intocáveis e insensíveis para nós e os objetos que achamos tão materiais. Isto não é menos verdadeiro hoje do que era então. E se não fosse verdade, o hipnotismo moderno, a clarividência ou a clariaudiência seriam impossíveis. Isto foi demonstrado por um segundo método precisamente semelhante aos experimentos mesméricos e hipnóticos, somente que a estes foi acrescentado o poder de fazer o sujeito se afastar de si mesmo e, com uma dupla consciência, perceber sua própria condição. Pois se uma barreira de madeira fosse erguida à vista do sujeito, a qual ele claramente percebia e sabia que era madeira, impermeável à visão e um obstáculo ao movimento, mas que quando hipnotizado ele não via, mas podia perceber em seu estado normal todos os objetos que estavam escondidos atrás dela, e quando ele a pressionava contra si pensando que era ar vazio e sentindo nada além de força, ele não podia passar, mas se perguntava por que o ar vazio prendia seu corpo. Isto é moderno e antigo. Demonstra claramente a natureza ilusória da objetividade. A objetividade só é real relativamente, pois a mente não vê qualquer objeto, mas apenas sua ideia, e no momento está condicionada por sua própria evolução até que tenha desenvolvido outros poderes e qualidades.

O pedido feito no verso para *desvendar a face do Verdadeiro Sol* é que o Self Superior possa brilhar dentro de nós e fazer seu trabalho de iluminação. Isto também difunde um fato natural desconhecido para os modernos, que é que o Sol que vemos não é o verdadeiro Sol, e significa também que a luz do intelecto não é o verdadeiro sol do nosso ser moral. Nossos antepassados, no passado sombrio, sabiam como tirar através do Sol visível, as forças do Sol Verdadeiro. Esquecemos isso temporariamente porque nossa evolução e descida para o inferno da matéria, a fim de salvar o todo, interpuseram uma tela. Dizem em terras cristãs que Jesus foi para o inferno por três dias. Isto é correto, mas não peculiar a Jesus. A humanidade está fazendo isto durante três dias, o que é apenas a forma mística de dizer que devemos descer na matéria por três períodos tão imensos no tempo que o logaritmo de um dia é dado a cada período. Os logaritmos não foram conhecidos pela primeira vez por Napier, mas eram ensinados na forma pura dos mistérios, porque só pelo seu uso poderiam ser feitos certos cálculos vastos.

O que agora está escondido por um vaso de Luz Dourada. Ou seja, a luz do Verdadeiro Sol – o Eu Superior – é escondido pelo sangue contido no vaso do corpo mortal. O sangue tem dois aspectos – que não vamos aqui detalhar – num dos quais ele é uma ajuda à percepção, no outro um empecilho. Mas isso significa aqui as paixões e os desejos, *Kāma*, o eu pessoal, a sede de vida. É isto que encobre a verdadeira luz. Enquanto o desejo e a personalidade permanecerem fortes, a luz permanecerá embaçada, confundiremos palavras com conhecimento e conhecimento com aquilo que desejamos conhecer e realizar.

O objetivo desta oração é que possamos cumprir todo o nosso dever, depois de nos familiarizarmos com a verdade, enquanto estamos em nossa *viagem para o Teu Sagrado Assento*. Esta é nossa peregrinação, não de um, não egoisticamente, não sozinhos, mas toda a humanidade. Pois o assento sagrado não é o paraíso Brahmânico de Indra, nem o céu egoísta cristão adquirido sem mérito, enquanto os meritórios sofrem as dores do inferno. É aquele lugar onde todos se encontram, onde todos são um só. É quando e onde os três grandes sons da primeira palavra da oração se fundem em um som sem som. Esta é a única oração, a única aspiração que salva.

UM BRĀHMANA OBSCURO. [William Q. Judge]

WILLIAM Q. JUDGE ‘O GUARDA-CHUVA ALEGÓRICO’

[*The Path*, Vol. IV, fevereiro de 1890, pp. 347-8].

[In: *Echoes of the Orient, the Writings of William Quan Judge*, Vol. I, pp. 140-141 (2ª ed. 2009)]

. . . Nos *Upanishads*, lemos a invocação: “Revele, ó Pushan, aquela face do verdadeiro sol que está agora escondida por uma tampa dourada”. Isto se refere à crença de todos os ocultistas genuínos, desde os primeiros tempos até hoje, que existe um “verdadeiro sol”, e que o sol que vemos é um secundário; ou, para colocar em linguagem mais clara, que há uma influência ou poder no sol que pode ser usado, se obtido pelo místico, para fins benéficos, e que, se não for guardado, escondido ou obscurecido por uma capa, funcionaria como uma destruição para aqueles que poderiam conseguir tirá-la para fora. Isto era bem conhecido na antiga Caldéia, e também para os antigos astrônomos chineses: estes últimos tinham certos instrumentos que utilizavam com o propósito de concentrar determinados raios de sol ainda desconhecidos para a ciência moderna e agora esquecida pelos filósofos da terra florida. O mesmo para aquele sol que vemos, cuja morte provável é calculada por alguns aspirantes a cientistas que lidam com absurdos.

Mas há o *verdadeiro centro* do qual o sol no céu é um símbolo e um reflexo parcial. Para o momento, vamos colocar este centro com os Dhyāni-Chohans ou espíritos planetários. Ele é onisciente e é tão intensamente poderoso que se um discípulo esforçado fosse subitamente introduzido despreparado na sua presença, ele seria consumido, tanto corpo quanto alma. E este é o objetivo pelo qual todos nós estamos lutando, e muitos de nós pedindo para ver até mesmo na abertura da raça. Mas, para nossa proteção, uma cobertura, ou guarda-chuva, foi colocado abaixo d’ELE. As varetas (do guarda-chuva) são os Rishis, ou Adeptos, ou Mahâtmas; os Irmãos mais Velhos da raça. O cabo está na mão de todos os homens. E embora cada homem esteja, ou vá estar, conectado com algum desses Adeptos em particular, ele também pode receber a influência do *verdadeiro centro* que desce através do cabo.

A luz, a vida, o conhecimento e o poder que caem sobre esta cobertura permeiam em inúmeras correntes toda a massa de homens abaixo, sejam eles estudantes ou não. À medida que o discípulo se esforça para cima, ele começa a se separar da grande massa de seres humanos, e se torna de uma maneira mais ou menos definida conectado com as varetas. Assim como os fluxos de água descem dos pontos das varetas de nossos guarda-chuvas, assim também as influências espirituais brotam dos adeptos que formam a estrutura da cobertura de proteção, sem a qual a pobre humanidade seria destruída pelo fogo do mundo espiritual.

WILLIAM BREHON [William Q. Judge]
